



Práticas de movimentação do capital simbólico na América Latina: uma aproximação com Pierre Bourdieu

Guilherme Amorim Cavalcanti, Luiz Manuel do Eirado Amorim e Wylinna Carlos Lima Vidal

Guilherme AMORIM CAVALCANTI 

Universidade Federal da Paraíba; Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; guilhermeacav@gmail.com

Luiz Manuel do Eirado AMORIM 

Universidade Federal da Paraíba; Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; amorim@ufpe.br

Wylinna Carlos Lima VIDAL 

Universidade Federal da Paraíba; Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; wylinna.vidal@academico.ufpb.br

AMORIM CAVALCANTI, Guilherme; AMORIM, Luiz Manuel do Eirado; VIDAL, Wylinna Carlos Lima. Práticas de movimentação do capital simbólico na América Latina: uma aproximação com Pierre Bourdieu. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 643, jun. 2026

data de submissão: 15/04/2026
data de aceite: 09/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2026.v11.643

Contribuição de autoria: Concepção; Redação - revisão e edição: AMORIM CAVALCANTI, G.; AMORIM, L. M. E.; VIDAL, W. C. L. Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Redação – rascunho original: AMORIM CAVALCANTI, G. Supervisão: AMORIM, L. M. E.; VIDAL, W. C. L.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Uso de I.A.: Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren.



Resumo

Fundamenta-se na teoria de Pierre Bourdieu para analisar o papel central das práticas de movimentação do capital simbólico na repercussão e difusão da arquitetura produzida na América Latina, a partir do século XX. Parte-se da compreensão de que o capital, em suas diferentes formas, desempenha papel central na legitimação de posições sociais e na reprodução de hierarquias dentro do campo arquitetônico a partir do reconhecimento, prestígio e representação que influenciam na definição de valores, discursos e agentes legitimados. Foram examinadas exposições, publicações, eventos e redes de contato como mecanismos de circulação e consolidação do capital simbólico, enfatizando o papel das instituições na mediação desses processos. Por fim, demonstra-se que a utilização das teorias de Bourdieu contribuiu para a compreensão da arquitetura, seus mecanismos, discursos e representações como um espaço de disputas, atravessado por dinâmicas de poder, distinção e reconhecimento.

Palavras-chave: Capital simbólico, Arquitetura, América Latina, Distinção.

Abstract

This study is grounded in Pierre Bourdieu's theory to analyze the central role of symbolic capital circulation practices in the dissemination and reception of architecture produced in Latin America since the twentieth century. It is based on the understanding that capital, in its different forms, plays a key role in legitimizing social positions and reproducing hierarchies within the architectural field through processes of recognition, prestige, and representation that shape values, discourses, and legitimate agents. Exhibitions, publications, events, and networks are examined as mechanisms for the circulation and consolidation of symbolic capital, with particular emphasis on the mediating role of institutions. Finally, it is demonstrated that the application of Bourdieu's theoretical framework contributes to understanding architecture, its mechanisms, discourses, and representations as a field of disputes shaped by dynamics of power, distinction, and recognition.

Keywords: Symbolic capital, Architecture, Latin America, Distinction

Resumen

El estudio se fundamenta en la teoría de Pierre Bourdieu para analizar el papel central de las prácticas de circulación del capital simbólico en la repercusión y difusión de la arquitectura producida en América Latina desde el siglo XX. Parte de la comprensión de que el capital, en sus diferentes formas, desempeña un papel clave en la legitimación de posiciones sociales y en la reproducción de jerarquías dentro del campo arquitectónico, a través de procesos de reconocimiento, prestigio y representación que influyen en la definición de valores, discursos y agentes legitimados. Se examinan exposiciones, publicaciones, eventos y redes de contacto como mecanismos de circulación y consolidación del capital simbólico, con énfasis en el papel de las instituciones en la mediación de estos procesos. Finalmente, se demuestra que la aplicación de las herramientas teóricas de Bourdieu contribuye a comprender la arquitectura, sus mecanismos, discursos y representaciones como un espacio de disputas, atravesado por dinámicas de poder, distinción y reconocimiento.

Palabras-clave: Capital simbólico, Arquitectura, América Latina, Distinción

Introdução

Ao pesquisar sobre os prêmios de arquitetura na América Latina revelou-se de extrema importância entender o papel que as práticas de seleção, organização e divulgação que dialogam com Pierre Bourdieu e constituem narrativas sobre a produção de arquitetura, tiveram na formação do construto que é a “Arquitetura Latino-americana”. Para Bourdieu (1986, p. 15, tradução nossa), “é impossível explicar a estrutura e o funcionamento do mundo social a menos que se reintroduza o conceito de capital em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela teoria econômica”. Central em sua teoria e apresentando ponto de contato com grande parte dos seus conceitos, o capital é entendido como o produto, não necessariamente material, do trabalho acumulado, determinante na reprodução das posições sociais, existindo em diferentes formas como econômico, social, cultural, entre outros.

Apesar das diversas classificações colocadas pelo autor, tem centralidade o seu conceito de capital simbólico enquanto uma validação consensual que as demais formas de capitais possuídas pelos indivíduos e instituições são distintas e legítimas. Como consequência, a apropriação dessa forma resulta na capacidade de construir e legitimar relações de dominação e de perpetuar hierarquias através da linguagem, classificações e da representatividade, naquilo que Bourdieu chama de “poder simbólico”. As “práticas de movimentação do capital simbólico” referem-se as ferramentas que os indivíduos e grupos utilizam para acumular e exercer reconhecimento e prestígio em um campo social, transformando as demais formas de capital em poder e legitimidade percebido por outros.

Explícita ou implicitamente, de modo coerente ou não, existe sempre um conjunto de conceitos subjacentes a toda construção teórica, seja ela historiográfica, analítica ou documental, visto que são pautadas por um sistema de valores. O problema desse raciocínio nos países fora do norte global parte da compreensão de que os valores mais utilizados estão impregnados das questões e modos de pensar da realidade onde foram formados, os centros, sendo constantemente impostos e necessitando de adaptações que possibilitem contemplar as diferenças presentes em outras realidades (WAISMAN, 1990 [2013]).

Para Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), investigar as ferramentas é uma ação fundamental para superar o peso do colonialismo, reconfigurando os signos a partir da elaboração de leituras críticas sobre as fontes responsáveis por consolidar narrativas de opressão. De acordo com Waisman (1990 [2013], p. 42), a escolha da ferramenta para realizar essa tarefa é uma operação que deriva da circunstância histórica e é a etapa mais significativa pois:

O instrumento atua no próprio núcleo da operação, penetrando em determinadas fissuras, evitando outras, abrindo perspectivas ou ignorando conflitos. A escolha do instrumento, portanto, constitui uma decisão muito delicada, uma vez que assim como pode ajudar a descobrir problemas, pode contribuir para encobri-los. De modo que se utilizamos instrumentos surgidos e refinados em relação a uma realidade diferente daquela que pretendemos conhecer, é quase certo que, em vez de revelar os problemas reais, eles permaneçam escondidos, e problemas fictícios sejam “descobertos”, problemas próprios das culturas originárias dos instrumentos em questão.

Como um passo nessa direção este artigo propõe relacionar a repercussão e alcance da arquitetura produzida na América Latina, a partir das práticas de movimentação de capital simbólico, com as disputas no interior do campo. Propõe-se uma pesquisa de natureza teórica e histórico-interpretativa, que mobiliza o referencial sociológico de Pierre Bourdieu como ferramenta analítica para compreender a constituição e algumas disputas na representação da arquitetura produzida na América Latina. Para isto, toma-se partido de uma seleção de práticas significativas de movimentação de capital simbólico a partir do século XX. Essa escolha teve como base a recorrência desses eventos em estudos específicos, como Comas (2010) e Atique (2014), e nos panorâmicos, como Carranza e Lara (2015) e Hernández (2010), e nas suas contribuições para a “arquitetura latino-americana”.

Para este estudo, toma-se o contato, as exposições, notícias, publicações, encontros e seminários como exemplos dessas práticas notáveis no desenvolvimento do cenário latino-americano, que são ainda pouco explorados sob a ótica de Pierre Bourdieu. Constituem exceção nesse cenário as premiações que, portanto, não foram abordadas. A disputa para impor o modo legítimo de uma produção cultural, para definir os limites de um campo, quem pode ou não participar, quem é ou não um bom participante, seja da prática ou da teoria, só é possível por conta da arbitrariedade do gosto e dos bens culturais (STEVENS, 1998). Apesar da distinção se fazer presente em diversas esferas do campo arquitetônico, o mecanismo de represen-

tação mais utilizado varia de acordo com o período em questão, sendo recorrente em todos os momentos o papel das instituições na promoção (BASYAZICI E ULUOGLU, 2017).

Para Bourdieu (1979 [2006]), é intrínseco à existência de uma instituição ou grupo social a adoção de meios que perpetuem suas realizações para além da finitude dos agentes individuais que os integram, de modo que buscam diferentes mecanismos para delegar, representar e perpetuar seu capital. Essas questões que extrapolam os limites da disciplina arquitetônica reforçam a inviabilidade do seu entendimento como algo fechado em si mesmo e, portanto, das suas obras, representações e discursos como objetos isolados (SAUER, 2019).

Como afirma Hernández (2009), é marcante que no século XXI a arquitetura produzida na América Latina voltou a ter maior destaque nas revistas de arquitetura, livros, periódicos, indo além dos edifícios e planos urbanísticos do período moderno já amplamente reproduzidos ou apoiados nos nomes já canonizados. Para Reschke et. al (2018), ainda que essa legitimação seja apenas para uma parte da produção, ela provoca um efeito sobre aqueles que compartilham, ou pareçam compartilhar, de bases semelhantes ao destacado, mas também daqueles que se posicionam a partir da oposição. Partindo desse cenário e das definições apresentadas ao longo do texto, os conceitos presentes na sociologia de Bourdieu foram mobilizados como ferramentas analíticas para observar questões pertinentes a concessão de prestígio e a configuração atual do campo arquitetônico da América Latina,

Práticas de movimentação do capital simbólico

O contato, seja físico ou não, é um elemento-chave, e o mais antigo em qualquer iniciativa de movimentação do capital simbólico, sendo a base para a relação de mestre e aprendiz que perpassa a história da intelectualidade e, conseqüentemente, do campo arquitetônico da América Latina. Para Carranza e Lara (2015), ninguém encarna melhor essa atitude que Oscar Niemeyer, ao repetidas vezes afirmar que não aprendeu muito na sua formação, mas sim nas semanas em que esteve trabalhando junto a Le Corbusier em 1936. Percebe-se nesta colocação uma movimentação de capital simbólico alinhada ao discurso moderno empregado pelo seu autor em diferentes frentes, tanto ao diminuir a importância da Escola Nacional de Belas Artes, que em seu momento formativo ainda

apresentava um currículo de vertente academicista, quanto ao buscar compartilhar do capital cultural e intelectual já reconhecido dentro do movimento moderno, e, portanto, simbólico, de Le Corbusier. Não está em questão a veracidade da afirmação, ainda que esteja clara a hipérbole, mas sim as construções que dialogam com as teorias de Bourdieu e auxiliam na compreensão do contato como palco para estratégias de inserção e reposicionamento no campo.

As viagens de Le Corbusier para a América Latina carregam Diversos exemplos de movimentações (FIGURA 01). A primeira, em 1929, para realizar palestras na Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, foi, de acordo com Carranza e Lara (2015), a construção de um ponto de contato dos países latino-americanos com o que estava se desenvolvendo na Europa, e, para o arquiteto, o reflexo do seu interesse em se consolidar como figura relevante, expandindo o volume e o alcance do seu capital, na busca de oportunidades para materializar suas ideias. Isso ficaria mais claro com seu retorno, em 1936, a convite do governo brasileiro, como consultor em dois projetos: o campus para a Universidade do Brasil e uma nova sede para o Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP). Esse convite em si já representa a necessidade de legitimação para descartar o projeto anterior, de técnicas e elementos ligados à prática neocolonial, que havia ganhado o concurso de projetos para a sede do MESP, e que, na visão do ministro Gustavo Capanema e seus colaboradores próximos, não incorporava a modernização necessária ao sistema educacional brasileiro, e, logo, o capital cultural e simbólico que buscavam manifestar. Porém, essas movimentações não ocorrem de forma unilateral.

De acordo com Carranza e Lara (2015), durante as cinco semanas em que ficou na cidade para o desenvolvimento dos projetos, o mestre franco-suíço dedicou mais atenção ao campus da Universidade do Brasil, projeto de maior escopo, com múltiplos edifícios e um plano urbanístico que, conseqüentemente, teria maior alcance e repercussão, ou seja, maior ganho de capital simbólico, caso fosse executado. Sua participação no projeto da sede do ministério foi marcada por tentativas de mudar o terreno de implantação, saindo de um lote no meio da malha urbana estabelecida com a derrubada do Morro do Castelo, para um à beira-mar, local paisagístico e com maior destaque dentro da cidade, próximo ao aeroporto. Sua contribuição mais relevante para este projeto foram desenhos para o local alternativo, de costas para a cidade, e com dimensões que em nada se pareciam com a do lote real.



Figura 1

Le Corbusier e Lúcio Costa no Brasil em 1950. Fonte: Acervo IAB/RJ (publicação autorizada pelo autor).

O projeto final do MESP foi elaborado pela equipe brasileira e, em 1937, os desenhos foram enviados para Le Corbusier, que, de acordo com Carranza e Lara (2015), enviou elogios como resposta. Porém, em 1945, após ver as fotos do edifício pronto e a repercussão que ele já estava gerando, com fotos de sua construção integrando a exposição e catálogo do *Brazil Builds* do Museum of Modern Art (MoMA) e em revistas europeias, Le Corbusier pontuou que não foi pago adequadamente e não teve sua autoria reconhecida. Após o capital simbólico para a obra e seus autores ter sido estabelecido, ele se tornou um elemento de disputa, sendo reapropriado, reinterpretado e mobilizado para reforçar posições no campo, sendo marcante nesse exemplo a publicação de esboços realizados sobre as fotografias do edifício, como se fossem estudos do processo realizados pelo mestre modernista na época.

Uma das instituições responsáveis pela repercussão do edifício, o MoMA de Nova York, é considerada por Lima (2022) como um dos principais agentes de canonização da prática ocidental, sendo sua atuação no século XX fundamental para a consolidação do recorte latino-americano voltado para a arquitetura. Anterior a este momento, porém, cabe destacar o cenário político e a atenção colocada sobre a produção brasileira. Em 1933, o presidente dos Estados Unidos da América, Franklin D. Roosevelt, mudou a estratégia da política externa direcionada aos países latino-americanos para ampliar a influência americana e impedir a expansão de ideias pró-germânicas, colocando a ênfase em um relacionamento baseado na diplomacia, cooperação econômica e intercâmbio cultural, naquela que ficou conhecida como a Política da Boa Vizinhança. A cultura foi utilizada como ferramenta estratégica para estreitar os laços com os países latino-americanos em diversos campos, sendo o MoMA uma figura central nesse papel para o meio arquitetônico.

Um acontecimento marcante nesse período foi a repercussão obtida pelo pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York em 1939. Tais eventos apresentaram grande importância na disputa de capital, em suas variadas formas, entre os países, durante o século XIX e XX, atuando como vitrine para a exposição das culturas, tecnologias, produções científicas e, com destaque, da arquitetura. O pavilhão que representaria e abrigaria a participação brasileira nesta edição foi definido por um concurso de projetos organizado pelo governo federal, que, em última instância, premiou o já estabelecido arquiteto Lúcio Costa, com Oscar Niemeyer na segunda posição. Nas bases do concurso, estava clara a preferência por um projeto elaborado em cima das ideias modernas que ganhavam espaço no cenário nacional. A vitória de dois dos seus principais nomes apenas fortalecia tal conjuntura.

O projeto vencedor, porém, não foi construído. Em vez disso, Lúcio Costa e os organizadores, percebendo a importância, sobretudo, simbólica, desse projeto, o potencial das soluções e a boa relação social e profissional com Niemeyer, decidiram pela elaboração de uma nova proposta que mesclava autoria e ideias apresentadas por ambos, resultando no paradigmático Pavilhão Brasileiro para a Feira de Nova York (COMAS, 2010) que pode ser observado na Figura 02. Como característica dessas obras, tratou-se de uma instalação efêmera, posteriormente desmontada, ou seja, sua perpetuação e movimentação do capital simbólico dentro do imaginário e seus efeitos na produção local foram, e ainda são, realizados a partir das representa-



Figura 02

Pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York Fonte: Comas, 2010 (publicação autorizada pelo autor).

ções. Ainda em 1939, ao noticiar a realização da feira, o *The New York Times* destacava o enorme edifício moderno produzido pela equipe brasileira, o associando ao “Estilo Internacional”, categorização canonizada pelo MoMA anos antes, com a exposição “Modern Architecture: International Exhibition”, ainda que com um “exotismo e exuberância” que já permeavam a narrativa norte-americana sobre a cultura brasileira.

Esses acontecimentos contribuíram para a realização da exposição *Brazil Builds: architecture new and old* em 1943, com curadoria de Phillip L. Goodwin, arquiteto-chefe do museu, e produzida sob a presidência de Nelson Rockefeller, notável agente ligado ao governo dos Estados Unidos da América. Como revela a seção de agradecimentos do catálogo, os objetos mobilizados se basearam intensamente nas conexões de Lúcio Costa, sinalizando a importância do seu capital simbólico e acentuando o seu capital social. A seleção de objetos e a narrativa de uma arquitetura moderna ligada à arquitetura colonial do século XVIII presente na exposição, dialogam com o discurso de Costa à época, que, diferente da rejeição do passado colocada pelo discurso internacional consolidado, encontrava nessa ponte histórica uma forma de amenizar a ruptura, ampliar a liberdade sobre o repertório moderno e colocar os arquitetos como autoridade do passado, presente e futuro (CARRANZA E LARA, 2015).



Figura 03

Capas dos catálogos Brazil Builds e Latin American Architecture Since 1945 Fonte: The Museum of Modern Art, (s.d.)

Ainda que, como destaca Carranza e Lara (2015), os quarenta e cinco dias de exposição em meio ao inverno norte-americano não tenham atraído multidões, a publicação do catálogo com o seu conteúdo perpetuou a iniciativa e o seu capital simbólico (FIGURA 03). Essa atenção do MoMA contribuiu com a repercussão obtida pela arquitetura moderna brasileira à época, o que pode ser percebido com a publicação de 106 artigos internacionais entre 1947 e 1948, contando com edições especiais de revistas dotadas de um amplo capital simbólico como *Architectural Forum* e *L'Architecture d'Aujourd'hui* (CARRANZA E LARA, 2015). Para Stevens (1998, p. 101, tradução nossa):

O objetivo de tais exposições é fazer com que o público veja semelhanças, criar uma escola ou movimento onde antes havia apenas indivíduos atomizados, multiplicando assim o capital simbólico de qualquer indivíduo, permitindo que cada um mobilize o capital coletivo do todo. O poder de produzir tais rótulos e de fazê-los aceitos como denotando uma diferença é um dos maiores poderes que o campo pode conceder a um indivíduo ou instituição.

Posteriormente, em 1955, foi realizada a exposição que fundou a ideia de arquitetura latino-americana como categoria crítica e historiográfica, inicialmente nomeada como "Latin American Builds", buscando compartilhar o capital simbólico já alcançado por sua antecessora, mas que viria a ocorrer sob a alcunha de

“Latin American Architecture since 1945”, com curadoria de Henry-Russell Hitchcock (TORRENT, 2015). Produções artísticas como a pintura e o muralismo de países latino-americanos já haviam aparecido no MoMA, no entanto, essa exposição de arquitetura é a primeira a abranger a região como uma categoria única, fundando um construto narrativo que seria utilizado para diferentes processos e contextos. Com um recorte contemporâneo, a exposição buscava dialogar com esforços anteriores da instituição em pautar o debate sobre o movimento moderno no pós-guerra, colocando os Estados Unidos da América no centro do debate e enfraquecendo a posição europeia (DEL REAL, 2007).

De acordo com Drexler (1955), era objetivo da exposição destacar a produção excepcional de figuras individuais e apresentar ao público estadunidense um caráter moderno para a cidade e os edifícios que o contexto norte-americano ainda iria atingir. Apesar da abrangência de 88 obras em 11 países latino-americanos, com a produção brasileira correspondendo a um quarto desse universo, o que se percebe é a tentativa de construção de um universo físico e teórico homogêneo que dialogasse com a realidade norte-americana.

Em diferentes passagens do texto de introdução, Hitchcock (1955) demarca a “importância” das contribuições tecnológicas dos EUA para a realização dessas arquiteturas, condicionando certas diferenças a um atraso da região e chegando a afirmar, com certa surpresa, que a “influência” não seja mais perceptível. Assim como no “Brazil Builds”, o catálogo da exposição continua circulando como fonte de informação e perpetuação desse evento de movimentação do capital simbólico, suscitando inclusive respostas ou continuidades em edições especiais de periódicos, como abordado mais adiante, mas também no próprio MoMA com a exposição Latin American in Construction 1955 – 1980 de 2015 com organização e curadoria de Berry Bergdoll, Jorge Francisco Liernur, Carlos Eduardo Dias Comas e Patrício Del Real.

A categoria latino-americana só voltaria a ser abordada pelo MoMA nessa exposição de 2015, em que se propunha, como perceptível a partir do recorte temporal do título, dar continuidade ao realizado por sua antecessora com algumas diferenças. Além de numéricas, dado o escopo e o esforço em representar uma maior abrangência da América Latina, também foram analíticas, abarcando a heterogeneidade como traço distintivo e falando sobre arquitetura na América Latina e não arquitetura latino-americana. Essa



Figura 04
Catálogo Latin American in Construction 1955-1980. Fonte: The Museum of Modern Art, (s.d.)

exposição e posterior publicação do catálogo (FIGURA 04) demarcam a renovação do interesse internacional sobre o território, repercutindo numa maior movimentação do seu capital simbólico. Esse conjunto de exposições demonstra o papel central das instituições em organizar produções dispersas em categorias reconhecíveis, construindo uma narrativa legitimadora que atua no capital simbólico dos curadores, dos produtores e das obras envolvidas e, conseqüentemente, naqueles que compartilhem ou pareçam compartilhar temas, técnicas e objetivos com eles.

Nem mesmo o destaque realizado por uma instituição relevante na promoção da arquitetura moderna ainda no meio do século XX, impediram o enquadramento da produção da América Latina em uma posição marginal dentro da historiografia canônica da arquitetura. Ainda que a tarefa de descrever ou encapsular de forma totalizante a história e os limites de qualquer disciplina ou território seja impossível, esta tarefa foi continuamente desenvolvida por diversos agentes do campo arquitetônico, o que, conseqüentemente, pri-

vilegiou a canonização de certas ideias, tradições e formas de ler o mundo que na verdade se baseiam apenas em um recorte limitado de fatos e conhecimentos de quem as produziu.

Assim, podemos perceber a manifestação do poder simbólico nesse enquadramento da região como periferia dos grandes acontecimentos arquitetônicos ocorridos na Europa e América do Norte, local de circulação e atuação de agentes dotados de um maior capital e maiores oportunidades de movimentação. Pesquisadores como Ruth Verde Zein (2022), Ana Estebán Maluenda (2016) e Fernando Luiz Lara (2018) ao estudar os conteúdos dos livros canônicos, demarcam as ausências como traço marcante da abordagem sobre a América Latina. Mesmo em revisões e novas edições, a produção latino-americana foi tratada como algo à parte, um capítulo ou seção específica, como se fosse um parêntese que não contribuía com o desenvolvimento da arquitetura moderna.

Zein (2018) destaca que toda narrativa é uma sequência de fatos que são escolhidos e posicionados para contar uma história. Orbita nesse ato de selecionar, questões que perpassam o habitus de quem escreve, o capital social que possui, e com quem possui, e o capital cultural e simbólico dos fatos e das narrativas que afetam a repercussão e a publicação. A historiografia é uma das ferramentas utilizadas para a perpetuação desse capital, e que, como nas demais, tem os agentes como elemento central para o seu sucesso. Como destaca Zein (2020, n.p.) “Enquanto essa narrativa canônica sobre ‘Arquitetura Moderna’ ainda estava em construção, seus protagonistas já estavam trabalhando ativamente para conceder-lhe uma posição ‘oficial’, promovendo sua disseminação e reverberação por meio de publicações e enfático proselitismo.”

Essa tentativa de construção de uma posição oficial, ou melhor, de um movimento homogêneo explica por que, mesmo com a existência de materiais sobre a América Latina, como as exposições do MoMA e, posteriormente, a publicação de livros como *Arquitetura latinoamericana 1930–1970* de Francisco Bullrich e *Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica*, de Ramón Gutiérrez, a lacuna se manteve. Mais especificamente no Brasil, podemos perceber como as narrativas são fabricadas e os efeitos que produzem. Como destaca Carranza e Lara (2015), os textos de Lúcio Costa, “*Modern Architecture in Brazil*” (1956, [1999]) de Henrique Mindlin e “*Arquitetura Contemporânea no Brasil*” (1981) de Yves Bruand seriam responsáveis por inflar a influência de Le Corbusier na produção arquitetônica

moderna do país às custas de pioneiros como Gregori Warchavchik e Flávio de Carvalho.

Uma das lacunas marcantes na produção do registro historiográfico foi a participação de Oscar Niemeyer no projeto para a sede das Nações Unidas. A seleção de onze arquitetos para integrar um grupo responsável por desenvolver a sede de uma instituição de prestígio internacional na cidade de Nova York é, por si só, um acontecimento permeado de disputas pelo capital simbólico. Ao retratar o processo de concepção do projeto como uma disputa entre o pragmatismo norte-americano, incorporado na figura de Harrison, e o racionalismo francês em Le Corbusier, os registros colocaram em segundo plano a participação dos demais arquitetos, mas sobretudo a contribuição da proposta de Niemeyer para a solução espacial que foi adotada. Exemplos como esse ilustram a consagração como uma distribuição desigual de capital que, a todo momento, reflete as posições de quem a promove.

A compreensão dessas disputas e do papel que os agentes desempenham na produção de narrativas contribui para a consolidação de um movimento de revisões historiográficas, que a partir de questionamentos e contraposições buscam examinar os avessos e as ausências. Esse movimento de questionar ou preencher uma lacuna deixada por outra obra também se configura como uma disputa pelo capital simbólico, em que, enquanto busca tomar para si parte do capital da obra, também reafirma aquele já adquirido por ela ao colocá-la como relevante o suficiente para que se elabore uma resposta. Assim, o prestígio está em constante negociação, podendo ser revisitado sob novos olhares e deposto das posições de referência que ocupam.

Na América Latina, um evento marcante para o desenvolvimento desse cenário foram os Seminários de Arquitetura Latino-Americana (SAL) realizados a partir de 1985, que, a partir dessas compreensões e do cenário arquitetônico internacional em crise, buscaram centralizar o debate a partir da América Latina e consolidar uma rede de relações pessoais e profissionais que serviria de base para o reconhecimento mútuo (ZEIN, 2004). Esses contatos institucionalizados entre arquitetos já se faziam presentes no território desde 1920, com o estabelecimento do Congresso Pan-Americano de Arquitetos, que, em suas primeiras edições, concentrou-se em consolidar as funções dos arquitetos, regulamentar a atuação e debater a formação, colocando as bases para a expansão e consolidação dos capitais desses profissionais (ATIQUÉ, 2014).

Atique (2014) destaca que, apesar do caráter plural dos encontros, os EUA possuíam uma posição de destaque, maior capital simbólico, por serem o único país que possuía um instituto e uma legislação própria que regulamentava a atuação dos profissionais. O alcance internacional da iniciativa produzia efeitos em duas vertentes: amparando os agentes com uma rede de suporte para lidar com as disputas locais, ampliando as dimensões do grupo interessado, e como espaço de movimentação do capital social de seus integrantes e do capital cultural e simbólico para aqueles colocados em posições notáveis dentro da iniciativa.

Outros eventos marcantes que manifestaram a vontade de aproximação entre os arquitetos da América Latina e configuraram pontos de contato para essa rede em formação foram as bienais dedicadas à arquitetura realizadas em São Paulo, Santiago e Quito, reuniões na Colômbia, como o encontro em Cali em 1980, e a Semana de Arquitetura, que contou com exposição "Arquitetura Brasileira Atual" organizada pela revista Projeto e o Centro de Arte y Comunicación (CAYC) de Buenos Aires em 1983, e que, em 1985, se tornaria a Bienal de Arquitetura de Buenos Aires. Durante essa primeira bienal foi realizado o primeiro SAL com a presença de figuras da prática como Rogelio Salmona, Severiano Porto, Enrique Browne, e do registro



Figura 05
Participantes do II SAL. Fonte: Universidad de Los Lagos, 2024 (publicação autorizada pelo autor).

e crítica, como Marina Waisman da revista *Summa*, Ruth Verde Zein da revista *Projeto*, e Silvia Arango da revista *PROA* (FIGURA 05). Ali foram estabelecidas bases para pautas recorrentes nas discussões do território, consolidando os encontros e redes institucionais como espaços fundamentais para o fortalecimento de vínculos latino-americanos a partir da circulação e acumulação de capital social e simbólico.

A tentativa de estabelecer essa identidade, surge da insatisfação com a representação, ou falta dela, nas produções e olhares exógenos, sobretudo da ideia de regionalismo crítico que foi utilizado por Kenneth Frampton, em "Perspectivas para um Regionalismo Crítico", de 1983 no qual incentivava a resistência a homogeneização causada pela modernização das técnicas construtivas e da industrialização dos materiais. No entanto, no contexto latino-americano, essa teoria foi utilizada para canonizar discursos e práticas de arquitetos específicos, configurando novas camadas de distinção no território, que suscitariam respostas a partir de conceitos como a Modernidade Apropriada de Cristián Fernández Cox (1991) e de *Divergência*, em oposição à resistência, de Marina Waisman (1990 [2013]).

Waisman (1985) descreveu o primeiro encontro do SAL como o momento em que os arquitetos latino-americanos, versados em arquitetura europeia e norte-americana, perceberam que seus vizinhos também tinham muito a oferecer. Esses eventos, por si só, ao promover o contato institucionalizado entre agentes já dotados de capital simbólico e cultural, exemplificam uma movimentação de capital, sobretudo, social, cujas repercussões podem ser percebidas em todo o campo. Ainda que o movimento de publicar a produção de países vizinhos já estivesse acontecendo, principalmente em periódicos como a *Summa*, após a realização do evento isto foi tomado como agenda.

Os periódicos de arquitetura são mecanismos de distinção fundamentais para o campo arquitetônico na América Latina e a integração de seus países. Fontes de informação com variedade de tópicos, intervalos curtos, publicação constante e cobertura dos acontecimentos contemporâneos, cada edição de um periódico apresenta uma breve narrativa acerca do tema que aborda (BARBOSA, 2023). Essas publicações, sendo as mais notáveis as revistas, são produzidas por profissionais ou associações deles, instituições artísticas ou editoras privadas, ou seja, são uma construção coletiva que a partir da seleção, distinguem um projeto ou um artigo dentro dos demais, não estando sempre claro os critérios utilizados.

Para Cunha et al. (2019), as revistas são um veículo de disseminação e difusão de imagens e ideias mais inclusivo, que oferece um retrato mais descentralizado da produção e que foram utilizados como ferramenta para transformar cultural e disciplinarmente as formas de pensar e fazer arquitetura e cidade. Para que isso aconteça, porém, orbitam as dinâmicas de capital, visto que a publicação de um objeto depende de fatores como o habitus ou as relações sociais de quem realiza a seleção, ou pelo capital simbólico já adquirido por determinada obra ou agente a ser destacado.

Na América Latina, os periódicos configuram uma extensa base de dados que registram eventos, conceitos e edifícios, servindo como local para uma movimentação do capital simbólico, que depois poderá, ou não, ser reproduzida em outros meios (MALUENDA, 2022). Fundamental para isto foi o Acordo de Santiago, assinado no I Encontro Ibero-Americano de Revistas de Arquitetura, que ocorreu junto da quinta edição da Bienal do Chile em setembro de 1985 (SOUZA, 2011). Foram fomentadas colaborações internacionais para ampliar a difusão da produção da América Latina, tanto de projetos como de textos. Como resultado, percebe-se a ampliação do capital de certas figuras que hoje são canônicas dentro da categoria de arquitetura na América Latina.

Como em todo mecanismo que envolve uma seleção e divulgação em arena pública, a publicação de um determinado arquiteto, obra ou autor é uma via de mão dupla para o capital simbólico, porque tanto o periódico recebe prestígio ao destacar uma obra já reconhecida, quanto a obra recebe parte do capital da revista, além de expandir os pontos de contato com o campo. Durante o século XX e o começo do século XXI, foram o principal meio de difusão da produção da América Latina, com exemplares notáveis em diversos países, servindo atualmente como fonte de diversas pesquisas acadêmicas, seja para tratar da produção em si ou da sua representação.

Com a chegada do século XXI e a ascensão das mídias digitais, essas iniciativas perderam parte de sua força e centralidade enquanto a principal fonte de informação e acesso aos projetos do mundo. Buscando se adaptar às mudanças e ampliar o alcance do seu capital cultural, grande parte dessas iniciativas digitalizaram seus acervos, entraram nas mídias sociais e continuaram sua produção também em formato digital. Enquanto prática notável, tem destaque o papel do Portal Vitruvius, que tem se dedicado à publicação de artigos, críticas, análises, entrevistas e notícias sobre arqui-

tetura, urbanismo, arte e cultura desde os anos 2000 em formato virtual. Realizado com o apoio da Romano Guerra Editora, que realiza um trabalho fundamental na publicação e livros com temáticas relevantes para a América Latina em português, espanhol e inglês, o portal alcançou notoriedade ao facilitar o acesso a artigos e informações que, submetidos a curadoria de um comitê editorial, foram capazes de difundir novas abordagens para temas e reflexões como as propostas neste trabalho.

Assim, a produção da América Latina ainda persiste em diversas iniciativas, sendo marcante, sobretudo na segunda década deste século, a atenção dedicada em diversos números especiais de revistas de dentro e fora da região, como a PLOT, a Harvard Design Magazine, a Arquine, dentre outras que buscaram utilizar o destaque obtido pela produção da região a partir da exposição do MoMA de 2015 para oferecer outros panoramas, ampliando assim a movimentação do capital (FIGURA 06). Como destaca Barbosa (2023), é



Figura 06
 Periódicos recentes sobre a América Latina Fonte: Barbosa, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

comum que esses objetos dialoguem entre si, a partir de citações, compartilhamento de equipes editoriais, conformando uma unidade sobre como essa arquitetura é abordada, mas também exemplificando a movimentação do capital simbólico em que, ao contribuir com uma publicação, ampliam-se as possibilidades de colaborar com outras.

A transformação na sociedade e nos modos de obter conhecimento provocados pela tecnologia de informa-

ção e comunicação posicionam as redes sociais como um novo meio e espaço de opinião, um território de discussão que democratiza a publicação, o acesso e o consumo (RESTREPO, 2015). Diversos sites, blogs e perfis próprios dos escritórios de arquitetura possibilitam uma autopublicação, eliminando o elemento de avaliação e curadoria, colocando apenas alguns critérios a serem preenchidos para ser publicado. Como destaca Zein (2023), essa questão da promoção, realizada por outros ou pelos próprios arquitetos, não é uma novidade das redes sociais, elas sempre existiram, tendo mudado apenas os meios. Iniciativas como premiações e exposições encontram grande repercussão nesses espaços, seja pelo capital simbólico que estabelecem a partir da tarefa de distinção, ou pelo engajamento presente nas disputas de opiniões, comuns no ambiente virtual.

Os diferentes níveis de engajamento, visualizações e likes, coisas particulares a esses meios, têm o poder de afetar as discussões, ditar tendências e manipular o prestígio adquirido, exaltando mais uns do que outros (MALUENDA, 2022). Se antes tratava-se de iniciativas que, em maioria, eram colocações do campo para o campo, realizado por pessoas dotadas de capital cultural institucionalizado e simbólico, agora essas ferramentas proporcionam uma expansão do público que consome o material publicado e opina sobre ele. Há, porém, uma distinção nesse prestígio que, devido ao aumento no alcance, passa a ser mais fragmentado, porque grupos diferentes valorizam critérios diferentes.

Assim, para alguns, importará onde e como foi publicado, enquanto para outros interessará o número de cliques e compartilhamentos. Independente disso, o volume de publicações, a profusão de informações existentes e a ausência de uma comissão avaliadora, figuras dotadas de capital para compartilhar mediante uma seleção, fazem com que o capital simbólico adquirido a partir dessas iniciativas seja inferior ao de outros mecanismos, de modo que premiações com voto público são realizadas dentro das próprias plataformas para retomar a atenção e aumentar o prestígio conferido a essas obras já publicadas anteriormente. Observa-se uma reconfiguração dos mecanismos de consagração a partir da coexistência de novas formas de visibilidade com estruturas tradicionais, ampliando os conflitos para atribuir prestígio e legitimar no campo.

Considerações finais

O recorte analisado reforça o papel central dos agentes e instituições, que, através de seus habitus e ca-

pitais, atuam na construção, circulação e disputa pelo reconhecimento e representação no campo arquitetônico, reforçando que esses processos contribuem ativamente para a consolidação da chamada "arquitetura latino-americana". A partir da sucessão cronológica dos casos analisados, observa-se um deslocamento de autoridade para construir narrativas dos agentes externos para iniciativas e formulações do próprio território, reconfigurando a inserção da produção latino-americana no debate internacional. Corroborar-se a compreensão de Anand e Watson (2004) de que essas práticas de movimentação do capital simbólico são utilizados pelo campo, ou, pelos agentes capazes de defini-lo, para marcar posições e dar sentido a acontecimentos importantes, mas também para reconhecer, afirmar e se adaptar às mudanças inevitáveis.

Assim, a difusão da produção da América Latina não depende apenas de suas qualidades técnicas e sociais, mas da capacidade em mobilizar um capital simbólico alinhado com a visibilidade e prestígios construídos pelas redes e as instituições e que se manifestam nessas práticas. Como indicam Anand e Watson (2004), elas ultrapassam a dimensão do reconhecimento ao atuarem na produção de sentidos e transformações, assumindo um caráter ativo na construção das narrativas disciplinares.

Eventos como exposições, prêmios e publicações se expandiram em número e importância dentro do campo cultural (ENGLISH, 2005), de modo que a realidade latino-americana apresenta uma maior inserção nessas disputas. A ascensão do meio digital, a profusão de informações e meios de divulgação complexificam ainda mais essas dinâmicas, colocando em pauta questões como algoritmos e a hipervalorização das imagens, cujos impactos na representação e na produção arquitetônica ainda carecem de estudos. Compreendendo, como afirma Waisman (1990 [2013]), que a história e a crítica são continuamente reescritas a partir da circunstância cultural de cada presente, dos meios e das convicções de quem a produz, colocar novos olhares sobre eventos estabelecidos contribuem para desvelar o emaranhado de ações e ideias que compõem uma categoria como "Arquitetura Latino-americana".

Esse entendimento de arquitetura como um sistema ampliado que envolve os mecanismos, discursos, representações é fundamental para aproximar as teorias de Bourdieu desse campo e aprofundar questões que aparecem nos seus estudos como: o seu entendimento da sociedade e suas práticas como um espaço

relacional; o olhar para as ações e seus paralelos com a manutenção da dominação; o entendimento econômico das práticas; as relações de poder e dominação. Ao concentrar-se nos mecanismos que possibilitam essas dinâmicas abre-se espaço para leituras críticas e contra-hegemônicas que revisem narrativas consolidadas e contribuam para o desenvolvimento de formas de legitimação mais plurais e conscientes de seus próprios pressupostos.

Esses movimentos de reconhecimento em arenas de disputa e de prestígio internacionais da prática realizada na América Latina, não significam uma derrubada do sistema colonizador que atua sobre a constituição do gosto, mas uma rebeldia convidada ao interior do sistema, que, como aponta Castro-Gómez (2007) pouco operam para transformá-lo. Evidenciar esses processos nas práticas de movimentação do capital simbólico não diminui a relevância que possuem, mas aponta a necessidade de um posicionamento adequado para do discurso que manifestam, de modo a potencializar o impacto e facilitar a identificação de estratégias que não apenas reproduzem as lógicas de dominação, impregnadas de marcas da colonização, que atravessam o campo.

Referências

2G DOSSIER. *Iberoamérica. Arquitetura Emergente*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

ANAND, N.; WATSON, M. R. *Tournament rituals in the evolution of fields: the case of the grammy awards*. *Academy of Management Journal*, v. 47, n. 1, p. 59-80, 1 fev. 2004.

ATIQUÉ, Fernando. Congresso Pan-Americano de Arquitetos: ethos continental e herança europeia na formulação do campo do planejamento (1920-960). *URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade*, v. 6, n. 8, 2014.

BARBOSA, Mariana Alves. *Arquitetas e arquiteturas em panoramas latino-americanos*. Orientador: Ana Gabriela Godinho Lima. 2023. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G. (org.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Critique of Latin American reason*. Tradução: Andrew Ascherl. New York: Columbia University Press, 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón (Orgs.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

COMAS, C. E. Feira Mundial de Nova York de 1939, Pavilhão Brasileiro. ARQTEXTO (UFRGS), v. 16, 2010, p. 56-97.

CUNHA, Marcio Cotrim; LARA, Fernando Luiz; GUERRA, Abilio. Do edifício de uso misto ao edifício habitacional híbrido na América Latina: os casos de Lima, Caracas, Buenos Aires, Cidade do México, Bogotá e São Paulo. In: 13o Seminário do.co.mo.mo. Salvador: 2019.

DREXLER, Arthur. Prefaces and acknowledgments. In Latin American Architecture since 1945. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1955.

FERNÁNDEZ COX, Cristian. Modernidad apropiada, modernidad revisada, modernidad reencantada. Summa, v. 289, p. 36-40, 1991.

GHISLENI, Camilla. Niemeyer, Le Corbusier e a história do projeto da sede da ONU. Arch-Daily Brasil, 30 out. 2023.

HERNÁNDEZ, Felipe. *Beyond modernist masters: contemporary architecture in Latin America*. Basel: Birkhäuser, 2009.

HITCHCOCK, Henry Russell. *Latin American Architecture since 1945*. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1955.

LARA, Fernando Luiz. A excepcionalidade do modernismo brasileiro. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

LARSON, Magali Sarfatti. Behind the postmodern facade: Architectural change in late twentieth-century America. University of California Press, 1995.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Nas fronteiras da civilização: como se criam os novos cânones da arquitetura? In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p. 128-140

MALUENDA, Ana Estebán. "Epílogo" In: MALUENDA, Ana Esteban. La arquitectura moderna em Latino América. Colección Estudios Universitarios de Arquitectura, 27. Barcelona, Reverté, 2016.

MINDLIN, Henrique E. Arquitetura Moderna no Brasil. Tradução de Paulo Pereira; prefácio de S. Giedion; apresentação de Lauro Cavalcanti. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

SILVA, Maria Lucy Lopes Rodrigues da. *Desdobramentos do Acordo de Santiago: o discurso sobre a arquitetura na América Latina em periódicos especializados brasileiros na década de 1980*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

SOUZA, Gisela Barcellos de. Tessituras híbridas: encontros latino-americanos em arquitetura e o retorno à cidade. Incipit, Editora UFMG, 2019.

STEVENS, Gary. The Favored Circle: The Social Foundations of Architectural Distinction. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

WAISMAN, Marina. O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos (Trad. Anita Di Marco). São Paulo: Perspectiva, 2013.

ZEIN, Ruth Verde. O vazio significativo do cânon. *V!RUS*, São Carlos, n. 20, São Carlos, 2020. [online].

ZEIN, Ruth Verde (Org.). *Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

ZEIN, Ruth Verde. Contingencia latinoamericana y crítica arquitectónica: Conversación con Ruth Verde Zein. In *A&P Continuidad*, v. 10, n. 19, 12 dez. 2023.